

## **JORNAL NOSSO TEMPO E ITAIPU: DISPUTAS POLÍTICAS EM FOZ DO IGUAÇU (1980-1983)<sup>1</sup>**

Renato Muchiuti Aranha (UDESC)

O período abordado neste trabalho se refere aos anos de 1980 a 1983, no qual, no contexto nacional, o governo militar já estava em declínio sob a tutela do Gal. João Baptista Figueiredo, a crise econômica estava a pleno vapor com a alta dos juros e a dívida externa batendo recordes e o presidente Figueiredo continuou o processo de reabertura política iniciada por Ernesto Geisel, promovendo a anistia aos exilados políticos e em 1980 foi extinto o bipartidarismo, abrindo espaço para que outros partidos além da ARENA e do MDB pudessem ser formados.

No contexto local, a cidade de Foz do Iguaçu era área de segurança nacional, portanto não possuía prefeito eleito, sendo este nomeado pelo governo federal, e desde 1974 era o Coronel Clóvis Cunha Vianna e em Foz do Iguaçu estava situado o canteiro de obras da usina hidrelétrica de Itaipu, projetada para ser a maior em produção de energia do mundo e um dos símbolos da ditadura militar.

Unindo tanto o pluripartidarismo quanto a anistia, em três de dezembro de 1980 temos a primeira publicação do Jornal Nosso Tempo. Eram onze os sócios do referido semanário, sendo estes Alberto Koelbl, Evandro Stelle Teixeira, Eloy Adail Brandt, Emerson Wagner, José Cláudio Rorato, José Leopoldino Neto, Jessé Vidigal, João Adelino de Souza, Juvêncio Mazzarollo, Severino Sacomori e Sérgio Spada. Pertencentes ao PDT e PMDB, com exceção de Evandro Teixeira e Alberto Koelbl que eram vereadores pelo PDS na época, apenas Jessé Vidigal e Juvêncio Mazzarollo dentre os onze sócios do jornal não assumiram cargos políticos no decorrer de suas carreiras enquanto mantinham o jornal ou anos que se seguiram a sua fundação, além de fazerem parte do editorial alguns colaboradores, dentre eles Santo Rafagnin, figura pertencente à elite iguaçuense.

A ideia de criar o semanário Nosso Tempo surgiu em maio de 1980, quando o também semanário Hoje Foz foi vendido para Jucundino Furtado, político ligado à antiga Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido de sustentação da ditadura. Jucundino era um homem poderoso, tido como operador da logística do grupo político liderado por Ney Braga. Essa fama surgiu a partir dos cargos ocupados por ele, como o de diretor-administrativo de Itaipu Binacional e presidente do Banco do Estado do Paraná. Com a venda do jornal, que funcionava na Vila Yolanda, os jornalistas Aluizio Palmar, João Adelino de Souza e Juvêncio Mazzarollo foram demitidos. Os três eram responsáveis pela linha de conotação popular, de esquerda e de contestação ao governo militar. Naqueles anos a Presidência da República era ocupada pelo general João Figueiredo; o estado do Paraná, pelo coronel Ney Braga; e o município, pelo coronel Clóvis Cunha Vianna.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Algumas citações apresentam erros de digitação pois foram mantidas da forma como estavam no original do Jornal Nosso Tempo

<sup>2</sup> Fonte online: <http://www.nossotempodigital.com.br/o-jornal/> <acessado em 12 de agosto de 2011>

O site dedicado ao Jornal Nosso Tempo foi criado pela *Megafone: rede cidadania de comunicação*<sup>3</sup>, um site de notícias de vertente esquerdista da cidade de Foz do Iguaçu ainda em atividade da qual o jornalista Alexandre Palmar é colunista. Alexandre é filho de Aluizio Palmar, um dos editores do Nosso Tempo e exilado político que havia retornado ao Brasil em 1979. Dentre os motivos levantados pelo site para a criação do Nosso Tempo foi a venda do semanário que havia em Foz para um político vinculado ao PDS, tendo uma visão política diferente da o que acabou por demitir os três jornalistas, que se tornariam os editores da Nosso Tempo nos meses que se seguiram.

Com liberdade para criticar o regime militar e sua posição política tendo em vista que seus sócios era todos ligados a partidos opositores do PDS, o Nosso Tempo começa em sua primeira edição com notícias criticando a tortura do DOPS, da delegacia de Foz, a crise econômica que afetava os suinocultores da região, o despejo de posseiros no município, a luta com o apoio do bispo de Foz do Iguaçu Dom Olívio Fazza em prol dos desapropriados que não haviam sido indenizados pela Itaipu e a coluna de esportes falando sobre o campeonato paranaense de futebol. Mas a parte mais interessante é na reportagem sobre os posseiros na página 8 expulsos de suas terras a frase “o ilustre iguaçuense Jorge Schimmelpfeng” e um artigo da página 19 “A ineficácia dos prefeitos nomeados”. Em um trecho da reportagem da página 19, esta não assinada,

Cosideram os vereadores “funestos” os efeitos para a administração local, pois as nomeações “longe de atenderem aos interesses da comunidade, recaem, quase sempre, em pessoas estranhas, desconhecedoras dos problemas municipais que, por favor governamental, irão administrar”.<sup>4</sup>

O jornal então faz uma distinção entre o ser iguaçuense e o ser de fora. Ser de fora tem a conotação nessa linha editorial mais do que não ser nascido na cidade de Foz do Iguaçu, mas é uma crítica ao prefeito nomeado Clóvis Cunha Vianna, que não havia sido eleito, mas nomeado para o cargo de prefeito. A comparação é feita nesta edição através da citação do ex-prefeito Jorge Schimmelpfeng, que mesmo sendo curitibano, é tomado pela reportagem como iguaçuense. Existe claramente uma diferenciação do ser iguaçuense e do ser forasteiro. No entanto, não é necessário ter nascido em Foz do Iguaçu para ser considerado iguaçuense. Basta ver que dos editores do jornal, Aluizio Palmar é do Rio de Janeiro e Juvêncio Mazarollo é do Rio Grande só Sul.

Na edição nº 2 do Nosso Tempo, nas páginas 6, 7 e 8<sup>5</sup> encontra-se uma entrevista com Sady Vidal, ex-vereador de Foz na década de 1950, que havia chego à cidade em 1949. Ele também é tomado como um dos iguaçuenses verdadeiros, para novamente ressaltar a diferença entre o ser de Foz e o ser forasteiro além de aparentemente existir uma preocupação com a busca por uma memória política da cidade, pois este é o tema da entrevista, sempre valorizando um governo democrático e de esquerda.

<sup>3</sup> Fonte online: <http://www.megafone.inf.br/> <acessado em 12 de agosto de 2011>

<sup>4</sup> Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 1, 28 págs., 3 a 10 de dezembro de 1980, p 19.

<sup>5</sup> Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 2, 20 págs., 10 a 17 de dezembro de 1980. p 6-8

Na terceira edição o jornal<sup>6</sup> organiza uma mesa para debater o papel dos prefeitos biônicos. Dos seis políticos convidados a debater, três eram sócios do Nosso Tempo, sendo estes os dois vereadores pelo PDS e o vereador Sérgio Spada do PMDB. Fica evidente na fala destes políticos que o maior problema com os prefeitos nomeados é o fato dele ser de fora, não o fato dele ser nomeado, como na frase de Alberto Koelbl

A minha opinião de líder de bancada não é a do partido. Sou e sempre fui contra a nomeação de prefeito. Eu já votei em eleição para Prefeito, foi em Júlio Rocha Neto. Tenho 38 anos e não tive oportunidade de votar depois disso para prefeito. Mas eu prefiro, já que não posso votar, que seja escolhido um elemento daqui, que todos conheçam, que tenha responsabilidade perante o povo.<sup>7</sup>

E continua sua fala em um sentido mais brando que a linha editorial do jornal, porém indo contrário ao atual prefeito pelo fato dele ser de fora

Agora, mandar um elemento estranho como coronel Clóvis, que ninguém sabe para onde irá depois de terminar a gestão, é uma falta de respeito com a população. Já a uma pessoa aqui nós vamos cobrar promessas durante e depois. A própria liderança do PDS já tentou várias vezes transmitir ao prefeito as reivindicações da comunidade e não foi ouvida. Isso acontece não por ele ter má vontade; é que o coronel Clóvis está comprometido com o governo. Mas eu não tenho nada contra o coronel; ele fez o que lhe foi encomendado pelo governador. Claro, no fim o povo é que foi prejudicado.<sup>8</sup>

Neste trecho, o problema das pessoas que estão vindo de fora para Foz do Iguaçu é o de não ter que dar satisfações a esta cidade depois, pois no caso levantado o então prefeito Clóvis Vianna é apontado como uma simples marionete do governo de fora, que está preocupado com outras coisas em Foz que não sejam a população ou a cidade, mas com as obras de Itaipu. Não coincidentemente Clóvis Vianna assumiu o cargo de interventor em 1974, um ano após a assinatura do Tratado de Itaipu entre Brasil e Paraguai que definia todos os passos da para a construção, operação e infraestrutura a ser construída nos municípios ao redor do lago que se formaria e só deixou o cargo em 1984, após a usina ter entrado em operação.

Sérgio Spada na mesma mesa discutindo sobre política faz a seguinte fala:

Não, ter prefeito nomeado não beneficia em nada Foz do Iguaçu. Vejamos o caso da administração Clóvis Vianna. Durante todo o período em que ele esteve à frente da Prefeitura, Foz do Iguaçu foi colonizada Pela Itaipu. Qualquer medida tomada pelo Executivo sempre precisou do referendo de Itaipu. Foi criada uma situação de colonizador e colonizado. O município teve, durante todo este período, sua vida castrada. Vivemos uma crise de lideranças que não

<sup>6</sup> Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 3, 20 págs., 17 a 24 de dezembro de 1980. p 7-9

<sup>7</sup> Idem pág. 8

<sup>8</sup> Idem

surgem por faltarem os ingredientes necessários para o seu nascimento que são as eleições.<sup>9</sup>

Spada não varia muito do seu colega de jornal e de câmara e coloca a culpa em um trabalho para o elemento de governo externo a Foz do Iguaçu, no caso o governo federal na figura de Itaipu.

Usando uma definição de como funciona a política editorial de um jornal, o ponto principal é que ela é organizada pelo *Publisher* do mesmo, no caso os onze sócios. E esta “política”, segundo Warren Breed,

pode ser definida como a orientação mais ou menos consistente evidenciada por um jornal, não só no seu editorial como também nas suas crônicas e manchetes, relativas a questões e acontecimentos selecionados. A “parcialidade” não significa necessariamente prevaricação. Pelo contrário, envolve a omissão, a seleção diferencial, ou a colocação preferencial, tal como “destacar” um time favorável à orientação política do jornal, “enterrar” um item desfavorável numa página interior, etc.<sup>10</sup>

Seguindo a proposta da teoria do jornalismo apresentada por Breed nos ajuda a perceber como é construída a linha editorial do jornal. O objetivo de criticar os políticos da região vinculados ao regime militar é unicamente enquanto representação local deste poder central, federal. E qual não seria o representante maior deste poder que o símbolo local do regime, Itaipu?

Se na primeira edição tem uma reportagem mostrando Itaipu como uma caloteira por não pagar pelas terras desapropriadas, a terceira edição do semanário já apresenta esta fala do vereador Sérgio Spada e mais duas reportagens. Na página 15 ainda da terceira edição do *Nosso Tempo* esta uma propaganda do lançamento do livro de Juvêncio Mazzarollo *A taipa da injustiça*, o mesmo escreve algumas linhas com o título *A economia do desperdício* abaixo da nota do lançamento, no qual crítica o tratamento dado a Itaipu e seus funcionários mais graduados e os políticos em cargos pendurados na empresa por receberem altos salários e faz também críticas a Vila “B” de Itaipu, considerado um cercado de luxuosas mansões. Em contraste com esta notícia, na página 18 esta colocada a reportagem intitulada *Expropriados por Itaipu voltarão a protestar*, falando que a binacional não havia pago a terra de mais de 1500 expropriados, e que estes esperavam uma ação por parte de Itaipu.

Na edição número 4 a capa apresenta uma entrevista com o prefeito Cunha Vianna e uma reportagem sobre os terreiros de umbanda de Foz. Nessa entrevista é basicamente uma continuação da discussão da mesa da edição anterior, porém agora é inquirido o próprio prefeito sobre o caso, e ele é atacado nas perguntas a todo tempo se ele concorda com o fato de ser nomeado e não eleito, se considera justo ser nomeado e se vai haver eleição para prefeito em Foz no ano de 1982. A resposta de Vianna é categórica quando ao dizer que “pelo que sei, Foz do Iguaçu não terá eleições diretas para prefeito muito cedo. Já pensou um prefeito brigando

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> BREED, Warren. *Controlo social na redacção. Uma análise funcional*. In: TRAQUINA, Nélson (org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993, Pág. 152-166

com Itaipu?”<sup>11</sup>

Nesse mesmo número na página 9, uma antes da entrevista com o prefeito, está uma notícia falando sobre a construção do novo terminal turístico do canteiro de obras da barragem de Itaipu. Nela aparece uma foto do canteiro com os dizeres “Para visitar isso aí, você terá que pagar 500 cruzeiros”. Itaipu era o símbolo do poder de fora como já havia sido mostrado anteriormente, mas nessa mesma reportagem é interessante pensar em outro trecho, no qual diz que a prefeitura pleiteava há tempos a liberação da exploração do turismo para a obra e que o diretor-geral de Itaipu Costa Cavalcanti negava, mas finalmente ele resolveu abrir as portas para visita. No entanto quem exploraria seriam empresas de Foz do Iguaçu, sendo parte do valor cobrado voltado para estas empresas e parte para a Codefi, a companhia de desenvolvimento de Foz do Iguaçu ligado a prefeitura.

O mais interessante é que na reportagem em que crítica a Itaipu e a prefeitura de Foz do Iguaçu, logo abaixo, na mesma página, apresenta os votos de feliz natal do bispo da cidade Dom Olívio Fazza, militante do movimento dos atingidos por barragem que estavam ainda sem receber o valor de suas terras desapropriadas pela barragem.

Abaixo tem uma imagem das duas reportagens juntas para ilustrar melhor esta fala.

**Mais Nelson/500 pau prá visitar Itaipu/Feliz Natal.**

**500 cruzeiros para visitar Itaipu**

Foi inaugurado sábado último, dia 20, o novo terminal turístico de visitação às obras da Itaipu Binacional. O ato teve lugar no Gresfi, onde estavam presentes o general Costa Cavalcanti e seus assessores, o prefeito Clóvis Cunha Vianna, empresários, líderes de comunidade e, principalmente, pessoas ligadas ao turismo de Foz do Iguaçu.

Até essa data, a visita à construção da barragem estava sendo organizada através do Departamento de Ralações Públicas da Itaipu. O passeio era feito em viaturas da própria empresa Binacional ou da Unicon, com o acompanhamento das guias turísticas do serviço de Relações Públicas da mesma. Ninguém podia ir em visita ao Canteiro de Obras por conta própria, e isso até que era positivo porque o visitante não precisava gastar nada para visitar este novo ponto turístico de Foz do Iguaçu.

Agora as coisas se invertiram. Para pior! As visitas continuarão sendo feitas somente através do novo serviço organizado para esse fim, com o agravante de que quem pretender visitar Itaipu deverá desembolsar 500 cruzeiros inapelavelmente. Há vários meses a Prefeitura vinha pleiteando junto à Binacional a concessão da exploração turística das obras da hidrelétrica, mas Costa Cavalcanti, presidente da empresa, se mostrava renitente e desconfiado, relutando em abrir as portas do Canteiro proibido para outras entidades que não as ligadas à obra. “É uma responsabilidade muito grande” - disse ele no pronunciamento que fez no ato inaugural de sábado, no Gresfi. Por outro lado, afirmou, o número de visitantes está em torno de 12 mil por mês, com tendência a aumentar, o que vem dificultando um bom entendimento por parte da Itaipu. “Passei o ano todo refletindo sobre a conveniência de ceder à Prefeitura e às empresas privadas essa concessão” - disse Cavalcanti, acrescentando que espera ver o serviço bem organizado e capaz de integrar ainda mais a Itaipu à comunidade.

**PREÇO ABUSIVO**

Então, a visita ao Canteiro de Obras está agora assim organizado: Quem pretender ir à Itaipu precisa dirigir-se ao Gresfi, onde encontrará um escritório com pessoal para atendê-lo. Ali pagará 500 cruzeiros, assistirá a uma projeção cinematográfica contendo um panegírico sobre a hidrelétrica, narrado pela voz empostada de Sérgio Chapelin, com duração de uns 10 minutos. Depois disso entrará num ônibus ou viatura de uma agência de via-

gens de Foz do Iguaçu e seguirá para o fantástico panorama feito de cimento e ferro.

Habitaram-se para o serviço as diversas agências de turismo munidas de ônibus. As mais fracas, que não dispõem desse meio de transporte, não puderam competir. Cada uma das empresas associadas à Prefeitura para esse serviço fara um rezeamento semanal.

Os visitantes serão acompanhados por guias turísticos especialmente treinados num curso de 5 dias ministrado na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu e patrocinado pela Codefi e Itaipu Binacional.

Evidentemente, a visita às obras da Itaipu vem despertando um crescente interesse nos turistas e na população de Foz do Iguaçu. E a sistemática ora implantada torna mais cômodo o passeio, pois o visitante não mais precisará ir até o distante Centro Executivo da Binacional e terá à sua disposição mais horários para ir até a obra.

O problema fica ligado à questão de que um serviço que antes era gratuito tornou-se agora caro e seletivo. É mais uma oportunidade aberta para grandes lucros às empresas de turismo e à Codefi. Dos 500 cruzeiros que cada visitante pagar, 350 ficarão para a empresa de plantão na semana e os outros 150 cruzeiros ficarão para a Codefi - não se sabe para quê.

Muito bem. O preço é tão alto assim? Não, aparentemente 500 cruzeiros são uma ninharia. Mas acontece que o custo de uma passagem para uma rota de uns 20 quilômetros (ida e volta) estipulada em 500 cruzeiros e absurdo, com o agravante de que o interessado na visita não tem outra opção de vez que há é vedado o acesso à obra por outro meio que não o estabelecido nesse programa.

Visitar Itaipu, portanto, pas-

Para visitar isso aí, você terá que pagar 500 cruzeiros.

sou a ser um novo privilégio - para quem pode gastar 500 cruzeiros, para as ricas empresas de turismo e para a Codefi.

E as pessoas simples e mais pobres poderão visitar Itaipu?

E as excursões de colegas (que fazem festinhas o ano inteiro para fazerem um passeio no fim do ano) poderão ir ao Canteiro de Obras quando vierem para Foz do Iguaçu?

**Mensagem de Natal**

Quando ocorre a data do nascimento de Jesus Cristo, estamos acostumados a saudar nossos parentes e amigos com a expressão FELIZ NATAL.

Quem teria primeiro usado esta saudação, estes votos? Não há dúvida que os próprios anjos ao anunciarem a vinda do Filho de Deus entre os homens. Os anjos desejaram aos pastores e a todos os homens a paz. O mesmo fazemos ao dizer FELIZ NATAL.

O texto do evangelista assim diz: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens que ele ama” (Lc. 2, 14). Havia razões de sobra para que os anjos apresentassem esses votos, pois Cristo é o maior presente que Deus deu ao mundo. O sábio bispo dos primeiros séculos S. Agostinho, afirmava que é tão grande o tesouro que temos em Jesus Cristo, que de alguma forma foi feliz a culpa de Adão, porque causou a vinda de tão grande Redentor e Salvador. E antes já o apóstolo Paulo considerava tudo que o mundo oferece como lixo, em comparação com o eminente conhecimento de Jesus Cristo (cf. Flp 3,8).

Estamos festejando mais um Natal. Será que neste ano a grande festa vai nos trazer a paz, paz a cada um, a nossas famílias e à sociedade? Cristo oferece salvação e paz a todos. Ele porém não impõe, mas propõe e deseja que O aceitemos pela fé. Espera que ardeamos ser o enviado do Pai. Esta aceitação pela fé deve ser leal, autêntica. Ele o afirmou: “Quem não está a meu favor está contra mim, e quem não ajuda comigo, dispersa” (Lc. 11,23).

Festecemos o Natal, trocamos presentes, preparamos uma lauta mesa... mas conhecemos Aquêle que é motivo desta alegria? Será que a humanidade O conhece? Parece que apenas sabemos que Ele passou por nossa terra, porém, não O conhecemos, nem aceitamos os seus princípios. Como explicar que depois de quase dois mil anos depois de seu nascimento, a humanidade se vê oprimida por injustiças, opressões, torturas, fome, guerra?

A todos que O receberem deus o poder de se tornarem filhos de Deus” (Jo 1,12). Filho de Deus indica alguém que vive a justiça, favorece a paz e ama como Cristo amou e ensinou.

O Natal é sempre esperança. E quando podemos mirar alguém de nosso tempo, que se chama TEREZA DE CALCUTA, que conhecendo Jesus Cristo, tudo deixou por Ele e foi viver para os pobres da Índia, entende-

11

Nosso

Textos Completo

0-11

81

5

Reportagem do Jornal Nosso Tempo fazendo um jogo com as representações de Itaipu<sup>12</sup>

Na edição número 5 do jornal, será apresentada uma continuação dessa linha editorial com a inserção da crítica de Itaipu em outros contextos, pois passam a utilizar os próprios funcionários e ex-funcionários para fazer essa crítica. Na página 7 com a reportagem *Hospital de Itaipu recusa atendimento*<sup>13</sup>, o jornal conta o caso de um funcionário que teve o atendimento à sua companheira negado no hospital Madeirão, localizado no conjunto habitacional “C” de Itaipu. Este conjunto era o voltado para os empregados de nível mais baixo, para os barrageiros que tocavam a obra. No caso desta reportagem o hospital exigia que o funcionário da Unicon<sup>14</sup> comprovasse que a mulher era realmente sua companheira através da apresentação de uma conta conjunta, de uma compra a crédito na cidade, a declaração de renda com o nome da companheira como dependente ou de um filho do casal para realizar o atendimento. Na mesma reportagem o Nosso Tempo também critica a diferença de tratamento para com os diferentes níveis da empresa, sendo enfocada na diferença dos transportes, já que os funcionários da Vila “B” e alguns com cargo de chefia na Vila “A” tinham a sua disposição carros da empresa para irem ao trabalho enquanto os barrageiros de nível mais baixo iam com os papa-filas para o trabalho. Esses papa-filas eram grandes caminhões baú com alças para os trabalhadores se segurarem.

Essa comparação entre os diferentes modelos de funcionários continua nas edições seguintes, tendo ao menos uma reportagem por edição que apresente alguma denúncia contra a binacional e fazendo diálogos unicamente com os trabalhadores dispensados pela Unicon que no ano de 1981 estava em fase de finalização das obras.

O contato com conjuntos “A” e “B” se dá somente nas críticas frequentes as supostas mordomias presentes na Vila “B”, esta voltada para funcionários com curso superior e com os moradores destes dois bairros aparecendo somente na edição de número 11<sup>15</sup> do jornal, na sessão de cartas para os leitores, pois na edição de número 8<sup>16</sup> saiu uma reportagem na página 2 da publicação intitulada *Itaipu perdeu a vergonha*, falando sobre a construção de um porto privado na Vila “B”, que fica

<sup>12</sup> Idem p 9

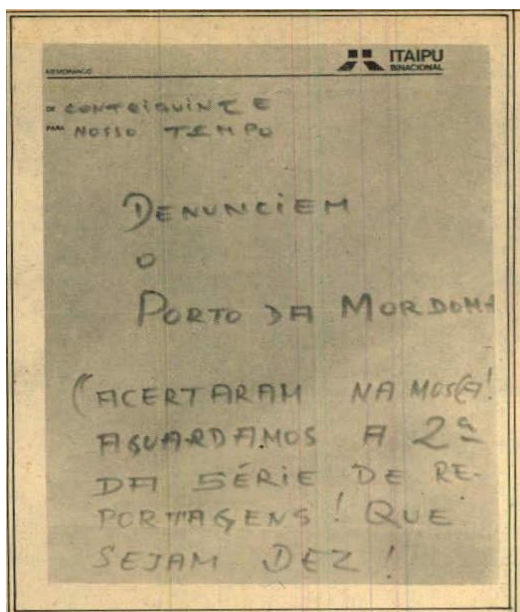
<sup>13</sup> Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 4, 26 págs., 7 de janeiro de 1981. p 7

<sup>14</sup> Consórcio responsável pelas obras de construção civil de Itaipu, formada pelas empresas Cetenco Engenharia Ltda.; CBPO – Cia. Brasileira de Pavimentos e Obras; Camargo Corrêa; Andrade Gutierrez; e Mendes Júnior.

<sup>15</sup> Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 11, 18 págs., 18 a 25 de janeiro de 1981.

<sup>16</sup> Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 8, de 28 de janeiro a 04 de fevereiro de 1981.

próximo ao rio Paraná. Essa reportagem denunciava o uso de verba pública de Itaipu nesta construção. Então na carta dos leitores da edição 11, localizada na página 7 da publicação encontra-se a carta de uma moradora da Vila “B” que não assina o nome, o de um morador da Vila “A” que assina Zeca e outro funcionário anônimo autodenominado contribuinte que manda o comentário em um papel retirado de um bloco de anotações de Itaipu, fato esse fotografado e anexado a impressão pelos editores do jornal. Os três apoiam a publicação contrária ao porto privado, porém nos comentários dos editores a resposta é somente chamar estes leitores de covardes e pedir para que estes denunciem abertamente. Depois desta publicação nos anos que se seguem não aparece mais em nenhuma coluna do jornal comentários, entrevistas ou mesmo cartas dos moradores destes dois conjuntos habitacionais até o ano de 1983, ano em que parei de fazer fichamento das edições do jornal. Esse período de 1983 é também quando termina as críticas e menções depreciativas para com a usina de Itaipu por parte do Nosso Tempo.



Carta enviada ao Jornal Nosso Tempo<sup>17</sup>

## 1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um jornal de esquerda formado por políticos de partidos teoricamente de vertentes diferenciadas, como o caso do PDS, PDT e PMDB, tendo entre seus três editores dois perseguidos políticos pela ditadura, que foram o exilado Aluizio Palmar e o preso político Juvêncio Mazzarollo se uniram em prol da busca por uma autonomia política para Foz do Iguaçu, pois queriam a retirada de um prefeito nomeado e que ocorressem eleições. Ao mesmo tempo criticavam o governo federal e estadual por darem suporte a este esquema de nomeação, impedindo a democracia no país.

Para dar suporte a teoria de que um prefeito de Foz faria mais pela cidade, a pelo menos cada cinco edições tinha a entrevista com algum morador antigo da cidade, que mesmo não sendo iguaçuense, era tratado como tal em oposição às

<sup>17</sup> Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 11, 18 págs., 18 a 25 de janeiro de 1981. p 7

pessoas de fora. Em algumas edições chega-se inclusive a republicar entrevistas.

Além da prefeitura, o principal embate do Nosso Tempo é com a Itaipu. Símbolo do governo militar e responsável pela ida de milhares de trabalhadores para a cidade de Foz do Iguaçu que eram em sua maioria considerados privilegiados pela população iguaçuense, tratados como “forasteiros, que chegavam à cidade com bons salários, garantia de moradia, assistência médica para a família, além de outras vantagens”<sup>18</sup>, se tornava o exemplo claro a ser usado do governo de fora que explora, humilha e não se importa com a população local. Durante todas as edições de junho de 1981 até o início de 1982, o foco principal deste embate vai se dar no campo das terras, sendo os representantes do povo, dos desapropriados somente a igreja, nas figuras do bispo Dom Olívio Fazza e do pastor luterano Werner Fuchs que participaram dos embates contra a binacional.

Após o término do jornal, os sócios continuaram suas carreiras políticas e Juvêncio Mazzarollo fez algumas mudanças em seu ponto de vista. Autor do livro *A taipa da injustiça*, cuja primeira edição de 1980 transformava Itaipu no título do livro, sendo este publicado pela Pastoral da Terra e tendo apenas 68 páginas, em 2003 lançou uma edição revisada, desta vez pela editora Loyola e contando com 203 páginas, tendo partes suprimidas da primeira edição, mas com um capítulo totalmente novo, que apresentava desculpas à Itaipu por tê-la visto de uma forma tão pejorativa, e que Importa que se faça dela [Itaipu] o melhor uso, em prol do desenvolvimento dos dois países e em benefício de seus povos.

Importa também que Itaipu pague a conta, cubra os custos econômicos, sociais e ambientais que impôs aos países associados no empreendimento, e particularmente à população e à região por ela afetadas. Felizmente, é o que Itaipu hoje vem fazendo, com dedicação, competência e amor à causa. Deixou, enfim, de ser “a taipa da injustiça”.<sup>19</sup>

No mesmo ano da publicação desta segunda edição Mazzarollo entrou para o quadro de assessoria de imprensa de Itaipu, cargo de confiança sem concurso.

As intenções políticas são os fatores que movimentaram estas onze pessoas a criar um jornal, cada qual com sua proposta política, mas tendo como foco principal a abertura democrática na cidade de Foz do Iguaçu.

O vínculo direto com o presente que esta pequena análise se propôs a fazer se da no fato destes políticos estarem ainda exercendo influência na cidade de Foz do Iguaçu, agora cada qual lutando separadamente já que o inimigo comum, que era a falta de autonomia do executivo municipal para poder ser eleito democraticamente. Em suma, eles se apropriaram de um poder simbólico, no caso o ser e o não ser iguaçuense para criar um discurso contrário ao “forasteiro”, contrário ao intervencionismo e favoráveis a que eles mesmos pudessem almejar o poder executivo da cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>18</sup> MONTEIRO, Nilson. *Itaipu, a luz*. Curitiba: Itaipu Binacional, Assessoria de Comunicação Social, 1999.

<sup>19</sup> MAZZAROLLO, Juvêncio. *A taipa da injustiça: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu*. São Paulo: Loyola, 2003. 2ª edição revista e ampliada



BREED, Warren. *Controlo social na redacção. Uma análise funcional*. In: TRAQUINA, Nélson (org.) *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993, Pág. 152-166

LACOUTURE, Jean. *A história imediata*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MONTEIRO, Nilson. *Itaipu, a luz*. Curitiba: Itaipu Binacional, Assessoria de Comunicação Social, 1999.

#### **Fontes jornalísticas:**

Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 1, 28 págs., 3 a 10 de dezembro de 1980

Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 2, 20 págs., 10 a 17 de dezembro de 1980.

Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 3, 20 págs., 17 a 24 de dezembro de 1980.

Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 4, 26 págs., 24 a 31 de dezembro de 1980.

Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 8, de 28 de janeiro a 04 de fevereiro de 1981.

Nosso Tempo. Foz do Iguaçu, ano I, nº 11, 18 págs., 18 a 25 de janeiro de 1981.

#### **Fontes online:**

<http://www.nossotempodigital.com.br/o-jornal/> <acessado em 12 de agosto de 2011>

<http://www.megafone.inf.br/> <acessado em 12 de agosto de 2011>